

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. S. P. Cultura rebelde: Escritos sobre a Educação Popular Ontem e Agora.
1. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. v. 1. 107 p.
ISBN 8561910291, 9788561910297

EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURA: RE-ENCONTROS PELA REBELDIA

No contexto das reflexões acerca de Carlos Rodrigues Brandão e ainda na esteira das suas contribuições no campo da Antropologia, de modo geral, e no da Educação Popular de modo particular, destacamos para os diálogos nesse texto o livro “Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora¹”, o qual conta com a colaboração de Raiane Patrícia Severino Assumpção.

Brandão nos deixou um legado inestimável para a construção de uma educação mais justa e igualitária, a qual no referido livro há uma analogia ao papel e significado histórico da Educação Popular e sua Cultura Rebelde, rebeldia que se faz contemporânea. Ao invocar as diferentes áreas da Educação, prioriza o pensamento Freireano e a perspectiva Freireana e Sócio-Histórica, e posteriormente a “Educação Popular”, “Antropologia da Educação” e “Sociologia da Educação”. A tessitura do texto revela o diálogo memorialístico com os Movimentos de Cultura Popular, (MCP 1960), Movimentos de Educação de Base, (MEB 1961), dentre outros movimentos culturais, políticos e sociais do período.

Para a postulação desse horizonte

A construção de processos democráticos na escola implica justamente desenvolver dispositivos educacionais dialógicos que superem os mecanismos de sujeição disciplinar. [...] em boa medida, todo o esforço, às vezes inteligente, outras desesperado, das pedagogias modernas, não quer mais do que aprender, com a sabedoria dos transgressores, os princípios e estratégias de relações entre as pessoas que tornem o domínio da norma escolar pelo menos suportável. (Brandão, 1986, p. 122)

¹ BRANDÃO, Carlos. Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. S. P. Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora. 1. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. v. 1. 107 p.

O processo educativo constitui-se, assim, simultaneamente, na perspectiva dos sujeitos singulares, como relação entre pessoas mediatizadas pelo mundo, como afirma Paulo Freire. Ao mesmo tempo, na dimensão contextual, configuram-se relações entre mundos (culturais, sociais, ambientais) que se transformam – ou se educam – reciprocamente, na medida em que são mediatizados pelas pessoas que interagem dialogicamente.

Então, de que modo esse conflito entre disciplina e rebeldia estabelece diálogos com a educação?

Os adultos deveriam compreender melhor que a rebeldia faz parte do processo de autonomia. Não é possível *ser* sem rebeldia. O grande problema é como amorosamente dar sentido produtivo, criador ao ato rebelde, e não acabar com a rebeldia. (Freire, 1997, p. 2)

No início dessa obra há uma imagem atemporal do que pode representar a ousadia de educadores e movimentos sociais, que são partes importantes na história e cultura brasileira. É a partir daí que acontece uma digressão ao sentido histórico e as práticas da educação popular, como resistência e oposição ao *status quo*, cuja concepção é construtora de uma Cultura Rebelde, que transcende o tempo e o espaço e, portanto, o ontem e o agora. É uma cultura do povo e para o povo, é que essa obra nasce, para propiciar a humanização e libertação das populações que sofrem com as opressões políticas, econômicas e culturais.

Daí a necessidade de réplica sobre quatro diferentes sentidos que atribuem a educação popular: Educação da comunidade primitiva, Educação do ensino público; Educação das classes populares; Educação da sociedade igualitária. Nessa direção apontam para a construção do saber, da justiça social, enquanto função político-pedagógica da educação popular para a sociedade. Segundo Brandão

Esta é a esperança que se pode ter na educação (...) acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola, quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo. E é bem possível que até mesmo neste 'outro mundo' - um reino de liberdade e igualdade buscado pelo educador - a educação continue sendo movimento e ordem, sistema e contestação (...) e o direito de sacudir e questionar tudo o que está sendo consagrado (Brandão, 1981, p. 110).

Nota-se além disso o mapeamento das origens e da originalidade da expressão “Educação Popular”, associando-a aos movimentos da sociedade civil, muitos destes

vinculados aos setores de governos municipais, estaduais ou da federação na década de 1960. As experiências de educação com as classes populares nessa configuração, originaram: “*educação de base*”, “*educação libertadora*” e, mais tarde, “*educação popular*”.

Diante de tais fatos históricos e metodológicos, narrativas pessoais e coletivas Brasileiros e Latino-Americanos que marcam as temporalidades, da Educação Popular, é perceptível o caráter humanizante da educação popular e a potência de seu movimento pedagógico. Eis, “A radicalidade da Cultura Rebelde: parte da história da educação popular no Brasil”, que como terceira parte retoma diferentes histórias da educação popular, pesquisadas no Brasil e América Latina e a criação da expressão “Cultura Rebelde” - lutas populares, resistência contra hegemônica e autonomia dos sujeitos em seu processo histórico.

Materializa-se na “Cultura Rebelde hoje – o sentido da educação popular”, as críticas sobre o trabalho político transformador da educação popular, instrumentalizadas pelas experiências Brasileiras entre 1961 a 1964, e como elas refletem em dias atuais. Convoca-se os movimentos sociais e de cultura popular à intervenção social para desconstruir o poder da opressão em relação aos oprimidos. Para Paulo Freire (1988), o oprimido somente se tornará sujeito por intermédio de uma ação política e cultural para a liberdade. Desse modo, faz-se necessária uma mudança qualitativa da percepção do mundo, o que implica uma apreensão crítica da realidade.

Ao final do livro, emergem as contribuições que a Cultura Popular e a Educação Popular, trazem desde o passado com suas lutas político-sociais e conquistas populares, na América Latina, incluindo o Brasil. Por fim, “o despertar” para a transformação da realidade social vigente, através da conscientização político-pedagógica - gênese do termo Educação Popular², autêntica em Paulo Freire quando “a prática de desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação.” (Freire, 1981, p. 117).

² Inspirado em JARA (2020), quanto ao fato de que “a educação popular latino-americana realiza e esboça propostas sobre um tipo de educação que permita às pessoas se construírem como sujeitos com capacidades de transformação pessoal e social”.

As concepções históricas descritas na obra, trazem provocações e reflexões acerca da Educação Popular no Brasil e na América Latina, identificando a cultura como um contexto, um acontecimento na vida humana transformada. Há contribuições que permeiam, de modo, vanguardista, a educação popular como experiências sociais de partilha de saberes. Ou seja, o processo de adquirir/produzir cultura é dialético e dialógico e se dá mediatizado por um ensinar e aprender em seu sentido mais ancestralmente humano e humanizador em constante transformação e intervenção na realidade ao sair de si mesmo e abrir-se ao outro.

E de modo que o encontro com Brandão é inspiração radical para aliar educação popular à rebeldia política e, assim, revolucionar as culturas em um mundo que requer, de modo inadiável, a construção solidariamente coletiva de outro mundo possível.

Por fim, cabe destacar que a educação é parte de um processo essencialmente libertador e que se realiza por meio do respeito à cultura popular. Brandão (1996, p. 706) afirma que devemos ser “criadores de espíritos”. Em sua rebeldia, desperta a nossa no sentido de criarmos condições para estarmos pondo fraternalmente à prova a nossa própria capacidade de criar e de ousar. Assim podemos contribuir para a reflexão da Educação Popular e cultura, que por meio dos encontros rebeldes promovam partilha, emancipação e autonomia.

Nós, os educadores em processo, os humanos do mundo à vida, educadores rebeldes do mundo à vida, da vida à cultura popular.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. S. P. Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora. 1. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. v. 1. 107 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A turma de trás. In: MORAIS, Regis. Sala de aula: que espaço é esse? Campinas: Papirus, 1986. p. 105-122.

BRANDÃO, Carlos R. Fertilizador do inusitado. In: GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma bibliografia. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Unesco, 1996. p. 706.

BRANDÃO, Carlos R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. Não se pode 'ser' sem rebeldia. Pais e Teens, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 12-17, fev./mar./abr. 1997. Entrevista concedida a Ana Cecília Sucupira

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

JARA, Oscar. A educação popular latino-americana: História e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. São Paulo: Ação Educativa/CEAAL/ENFOC. 2020.

Nima Imaculada Spigolon

Dra., GEPEJA - Faculdade de Educação da Unicamp.

Email: nima@unicamp.br.

César Ferreira da Silva

Ms. GEPEJA - Faculdade de Educação da Unicamp,

Email: cesarfs.dasilva@gmail.com.

(Recebido em maio de 2024; aceito em maio de 2024)